

A ESCRITA DO INVISÍVEL: CLARICE LISPECTOR E A LITERATURA COMO INTERROGAÇÃO EM COMPAGNON

ISADORA DA CUNHA OLIVEIRA¹;
PAULO AILTON FERREIRA DA ROSA JÚNIOR²

¹*Universidade Federal de Pelotas – isacunhaoliveira28@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – paulo.ailto@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, publicada em 1977, e relacioná-la ao conceito de literatura proposto por Antoine Compagnon, no livro *O Demônio da Teoria*. A narrativa acompanha a trajetória de Macabéa, jovem nordestina que, órfã e criada por uma tia severa, migra para o Rio de Janeiro, onde leva uma vida de extrema simplicidade e anonimato. Por meio de um narrador masculino, Rodrigo S. M., Clarice constrói uma trama que mescla ficção e metalinguagem, questionando o papel do escritor, a função da literatura e as possibilidades de representar o outro.

A obra foi publicada em um momento histórico de grande tensão no Brasil, no final do regime militar, período em que a literatura frequentemente incorpora questões sociais e políticas. Embora Clarice seja conhecida pela escrita introspectiva e pela sondagem psicológica, neste livro há uma aproximação maior com a denúncia social, ainda que filtrada por um narrador autoconsciente e problemático. Essa tensão entre o íntimo e o social, o ético e o estético, aproxima a obra da concepção de literatura como espaço crítico, defendida por Compagnon (2001).

Segundo o autor francês, “a literatura é um discurso que não se limita a transmitir uma mensagem: ele interroga a si mesmo” (Compagnon, 2001, p. 46). Tal definição permite compreender *A Hora da Estrela* como um texto que não apenas conta a história de Macabéa, mas também reflete sobre o próprio ato de narrar, questionando a autoridade do narrador e a legitimidade da representação literária.

Essa dimensão de interrogação da literatura dialoga com outros teóricos. Cândido (2004) argumenta que “a literatura pode formar, mas também deformar; pode libertar, mas também aprisionar” (Cândido, 2004, p. 176), ressaltando o caráter ambíguo da experiência literária. Clarice, por meio de Rodrigo S. M., parece assumir essa responsabilidade, ainda que de forma hesitante e marcada pela insegurança.

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que maneira *A Hora da Estrela* encarna o conceito de literatura segundo Compagnon, evidenciando como a obra articula estética e crítica. Como objetivos específicos, pretende-se: (a) examinar a relação entre narrador e protagonista; (b) identificar as estratégias metalinguísticas empregadas; (c) estabelecer paralelos com as concepções teóricas de Compagnon e outros críticos.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e analítica. Inicialmente, realizou-se a leitura integral de *A Hora da Estrela*, observando especialmente trechos nos quais o narrador interrompe a narrativa para refletir sobre o ato de contar, como quando afirma: “Escrevo porque não tenho nada a fazer no mundo: estou de férias” (Lispector, 1998, p. 15).

A fundamentação teórica baseou-se principalmente em Compagnon (2001), a fim de compreender seu conceito de literatura como espaço de reflexão crítica. Para ampliar a análise, foram também consultados Cândido (2004), Bakhtin (2011) e Barthes (2004), cujas reflexões sobre ética narrativa, função social da literatura e participação ativa do leitor contribuem para a compreensão do texto clariciano.

O procedimento de análise consistiu na correlação entre os aspectos formais e temáticos do romance e os conceitos teóricos selecionados. Foram identificados elementos como: a construção do narrador como personagem consciente do ato narrativo; a fragmentação textual; o uso de digressões; a ironia; e o tensionamento entre ficção e realidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise revelou que *A Hora da Estrela* se alinha à definição de literatura apresentada por Compagnon, que a concebe como espaço de interrogação e não de respostas definitivas. Desde as primeiras páginas, Rodrigo S. M. expõe suas incertezas e fragilidades: “Não tenho a intenção de enfeitar a narrativa: falo simples para que não me escapem as palavras” (Lispector, 1998, p. 11). Esse gesto aproxima o romance da concepção de literatura como um campo aberto ao questionamento.

O narrador, que afirma “ter de falar de Macabéa para não sufocar” (Lispector, 1998, p. 13), incorpora a responsabilidade discursiva discutida por Bakhtin (2011), segundo a qual toda enunciação implica um posicionamento ético. Ao mesmo tempo, Rodrigo confessa sua incapacidade de compreender plenamente a protagonista, ecoando a ideia de Compagnon (2001) de que a literatura “oscila entre a verdade e a invenção” (Compagnon, 2001, p. 62). Essa oscilação se evidencia em outro momento: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta, continuarei a escrever” (Lispector, 1998, p. 22), frase que traduz diretamente a noção de literatura como interrogação.

Outro aspecto relevante é a quebra de expectativas narrativas. Clarice recusa a linearidade tradicional e recorre a um narrador que debate com o leitor, provoca rupturas e interrompe o fluxo da narrativa para comentar sua própria escrita. “É que eu não sou uma máquina de narrar, sou um ser humano” (Lispector, 1998, p. 14). Essa autorreferencialidade aproxima-se do conceito de “prazer do texto” de Barthes (2004), que descreve a leitura como um espaço de instabilidade e participação ativa do leitor.

Além disso, a figura de Macabéa ilustra a precariedade existencial que a obra busca retratar: “Ela era tão tola que chegava a ser um pouco engraçada. Mas engraçada de dar pena” (Lispector, 1998, p. 36). Esse olhar ambíguo do narrador explicita a tensão ética da obra, já que a representação da personagem é sempre marcada por um misto de piedade e ironia.

Ao inserir reflexões sobre o próprio texto, Clarice constrói um meta-romance que, conforme Compagnon (2001), “faz do leitor um cúmplice do autor na produção de sentido” (Compagnon, 2001, p. 48). Essa cumplicidade se manifesta na constante convocação ao leitor, que é chamado a ocupar o espaço entre o narrador e a personagem, completando ou questionando o que é narrado.

Em termos temáticos, a obra transita entre a denúncia social e a meditação existencial. O desfecho, marcado pela morte abrupta de Macabéa após receber uma previsão otimista de uma cartomante, sintetiza a ironia trágica que permeia o romance: “Morreu como se nunca tivesse existido” (Lispector, 1998, p. 77). O contraste entre a promessa de felicidade e a morte imediata reafirma o caráter imprevisível da vida, e da literatura.

4. CONCLUSÕES

A análise permitiu constatar que *A Hora da Estrela* representa de maneira exemplar a concepção de literatura defendida por Compagnon, ao unir dimensão estética, crítica e ética. A narrativa de Clarice Lispector, por meio do narrador Rodrigo S. M., desconstrói a noção de literatura como simples representação da realidade e a reconstrói como espaço de interrogação permanente.

O diálogo com teóricos como Cândido, Bakhtin e Barthes reforça que a obra transcende a função estética, incorporando uma dimensão ética e social. A literatura, como sugere Compagnon (2001), é “um exercício de pensamento tanto quanto de linguagem” (Compagnon, 2001, p. 48), e *A Hora da Estrela* exemplifica plenamente essa definição, transformando o ato de narrar em reflexão sobre a própria possibilidade de narrar.

Assim, a inovação deste trabalho reside na leitura da obra claricana à luz da teoria literária contemporânea, evidenciando como o romance, embora breve, contém densidade suficiente para problematizar questões universais, como a alteridade, a representação e a função social da literatura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- COMPAGNON, A. *O Demônio da Teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro, 1998.